

PIRENÓPOLIS E SUAS FESTAS: AS RELAÇÕES ENTRE O PATRIMÔNIO IMATERIAL E O TURISMO

Kátia Leticia Oliveira da Luz¹

Tereza Caroline Lôbo²

Resumo

Será apresentada neste artigo a Folia do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Goiás. A partir das pesquisas bibliográficas, das técnicas de documentação direta, da observação sistemática e participante serão descritos os rituais que dão estrutura para realização da Folia Tradicional. A Folia Tradicional é a mais antiga e a que atrai o maior número de participantes, seja de moradores da cidade ou de regiões circunvizinhas. Estruturada no culto ao Divino, seus rituais, os espaços de atuação e o envolvimento dos “devotos-folião” são específicos e serão aqui detalhados. Assim como as folias o turismo também se faz presente na vida dos pirenopolinos, pois a cidade tem nesta atividade uma de suas principais fontes de renda e este tem influenciado a vida local. Desse modo, apresentar-se-á como essa folia tem reagido às transformações impetradas pelo turismo na cidade buscando analisar as relações existentes entre a religiosidade, o patrimônio imaterial e o turismo.

Introdução

A Festa do Divino Espírito Santo é uma festejó tradicional pertencente à população pirenopolina, considerada a principal festa local pela sua representatividade, sua religiosidade, suas formas de expressão e as singularidades de suas manifestações foi registrada como patrimônio cultural nacional, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2010.

A festividade é composta por diversas manifestações tais como: as novenas, as rezas de terços, as procissões, o levantamento de mastros, a queima de fogueiras, os hinos, os teatros, os mascarados, o reinado e o juizado, as folias dentre outras. São três as folias realizadas em louvor ao Divino Espírito Santo dentro da festa maior na cidade de Pirenópolis.

Neste artigo especificamente foi definido como recorte espacial a Folia Tradicional, que é a mais antiga e atrai o maior número de participantes, seja de moradores da cidade ou de regiões circunvizinhas. A opção por uma das folias justifica-se pela complexidade da cada uma e o pouco espaço de um artigo para tratar das três. Apesar de ter em comum o culto ao Divino, seus rituais, os espaços de atuação e o envolvimento dos “devotos-folião” são específicos e necessitariam de detalhamento.

1 Graduada em Tecnologia em Gestão de Turismo do Câmpus Pirenópolis – UEG katiaoliveira.turismo@gmail.com

2 Doutora em Geografia, docente do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do Câmpus Pirenópolis – UEG terezacarolinelobo@gmail.com

Assim como as folias o turismo também se faz presente na vida dos pirenopolinos, pois a cidade tem no turismo uma das suas principais fonte de renda e este tem influenciado a vida local. A cidade surgida no período do ciclo do ouro no século XVIII, escapou da decadência por ser um entreposto comercial e ter encontrado na agropecuária e nas últimas décadas do século XX a extração do quartzito micáceo (Pedra de Pirenópolis) seu sustento. Chegou no século XXI como um dos 65 destinos indutores do turismo no Brasil (Ministério do Turismo, 2015).

Será apresentada neste artigo a história da Festa do Divino à qual está inserida a folia, partindo para a descrição - a partir das pesquisas bibliográficas, das técnicas de documentação direta, da observação sistemática e participante - dos rituais que dão estrutura para realização da Folia Tradicional. Assim apresentar-se-á como essa folia tem reagido às transformações impetradas pelo turismo na cidade buscando analisar as relações existentes entre a religiosidade, o patrimônio imaterial e o turismo.

Pirenópolis e suas festas

A festa realizada em louvor ao Divino Espírito Santo em Pirenópolis se configura como um espaço que engloba o perímetro urbano e a zona rural, contando com o envolvimento da igreja e da comunidade em geral, configurando formas distintas e complexas de religiosidades que se unem para compor a festa.

Para a população pirenopolina a festa possui sua própria eficácia, traduzida na expressão da fé e na manutenção das tradições, os festejos são um comprometimento de Pirenópolis para com o Divino Espírito Santo.

O culto ao Divino Espírito Santo segundo Mariano (2009) Carvalho (2008), Veiga (2005), Jurkevics (2005), Pelegrini (2011), Pessoa (2005), Deus e Silva (2003), se trata de uma herança da colonização portuguesa. Estes autores são unânimes em demonstrar que os festejos ao Divino Espírito Santo, foram trazidos de Portugal e se expandiram por todo território brasileiro.

Em Goiás, a festa à terceira pessoa da Santíssima Trindade é realizada por diversas cidades. Sendo a de Pirenópolis a mais expressiva festividade em devoção ao Divino Espírito Santo do estado, se não do Brasil. O festejo está enraizado na população que o produz, ou seja, é parte integrante da cultura pirenopolina.

A festa em Pirenópolis acontece de forma espontânea e com extenso recorte espacial, onde um conagraçamento de diversas festividades forma a grandiosa festa permitindo que se

diferenciasse das outras comemorações realizadas ao longo do território nacional sendo considerada no tempo atual um atrativo cultural.

De acordo com Jayme (1971) em seu estudo realizado sobre Pirenópolis, essa comemoração é realizada desde a segunda década do século XIX. Atualmente é a festa “maior” da cidade superando a da padroeira Nossa Senhora do Rosário. Composta por várias manifestações, definida como “as festas dentro da festa” (Brandão, 1978 e Silva, 2001) ou um “mosaico de várias festividades” (Lôbo, 2006). A festa conta com expressivo envolvimento da população local na organização, nos preparativos e na participação. “Tornou-se um espaço múltiplo, em que os diversos tipos de culturas existentes na sociedade puderam ser enfrentados, multiplicados e fundidos por meio das representações simbólicas de cores, eventos e personagens que constituíram esses festejos” (Silva, 2001, p.31).

As novenas, as rezas de terços, as procissões, o levantamento de mastros, a queima de fogueiras, os hinos, os teatros, os mascarados, o reinado e o juizado, as cavalhadas, as folias dentre outras, formam a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis,

a festa instaura uma transformação, não só na rotina de vida da sociedade local, como na própria vida de seus participantes. Os comprometimentos com os festejos do Divino redefinem-se, uns para com os outros, ao se incorporarem a um sistema de posições-relações que, mesmo derivado de sistemas correlatos que operam em outras áreas da sociedade local, somente possuem valor dentro da situação da festa e seus rituais (Brandão, 1978, p.49).

1279

A festa celebra a vinda do Divino Espírito Santo sobre os apóstolos, denominada de Festa de Pentecostes liturgicamente, ou seja, a festa é móvel no calendário anual, tendo seu ápice no domingo de Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa, quando também tem início as Cavalhadas, encenação da batalha entre mouros e cristãos.

Os festejos do Divino são parte integrante da cultura pirenopolina e despertam a atenção dos turistas que visitam a cidade, embora não exista nenhum movimento da iniciativa privada para divulgar o período da festa, os turistas ao chegarem à cidade se encontram diante dos festejos e buscam saber um pouco mais sobre a festa, embora não seja notável a participação dos mesmos nos festejos.

Folia Tradicional

Dentre as diversas festividades, as mais representativas para a população local são as folias, estas “abrem as celebrações da trama espetacular de ritos que se desenrolam na Festa do

Divino Espírito Santo em Pirenópolis” (Veiga, 2002, p. 2). Existem várias versões sobre a origem das folias em louvor ao Divino Espírito Santo, Silva (2001) e Jurkevics (2005) concordam em dizer que as folias surgiram pela própria iniciativa da Igreja com o objetivo de levar as cerimônias religiosas até a zona rural. E ainda segundo Silva (2001) e Brandão (2004) a folia é realizada com a intenção de anunciar a Festa, distribuir bênçãos e arrecadar prendas e dinheiro para ajudar na realização dos festejos urbanos.

Na prática acontecem atualmente três Folias do Divino durante as comemorações ao Espírito Santo: duas folias rurais e uma urbana. A primeira folia a sair é a Folia da Renovação Cristã, realizada na zona rural, por devotos ligados a Igreja Católica, chamada também de “Folia do Padre”, sua saída ocorre em uma sexta-feira, três semanas antes do domingo de Pentecostes, uma semana depois saem as outras duas folias, a Folia da Cidade, conhecida também por “Folia da Rua”, e a Folia Tradicional comumente chamada de “Folia do Roque”.

Dentre as três folia citada foi escolhida como recorte espacial a Folia Tradicional, conhecida no passado por folia do “Mateus Machado” em alusão a uma das regiões rurais do município em que era realizada. Esta Folia, segundo relatos dos foliões mais antigos realiza seu giro há pelo menos 158 anos, envolvendo famílias que há quatro gerações atuam na sua organização. Tem o maior público tanto de foliões que acompanham o giro, quanto de foliões de atalho que participam somente à noite, ápice dos pousos.

Os pousos de folias, locais de pernoite do grupo de foliões e das bandeiras que ao longo do dia percorreram os caminhos do giro, são geralmente definidos com meses de antecedência sendo alguns pousos bastante tradicionais, arrastando multidões no dia em que acontecem. É uma festividade esperada e reconhecida como parte integrante da cultura local.

A Folia Tradicional se divide em várias etapas ritualísticas, inicia-se com uma reunião na casa de algum devoto, esta é chamada de “o junta”, que ocorre na sexta-feira, duas semanas antes de Pentecostes. É um momento onde os foliões se reúnem para iniciar o “giro” da folia. Com os foliões já reunidos iniciam-se os primeiros rituais, um farto almoço é servido pelo dono da casa, localizada no centro da cidade. Em um dos espaços da casa é montado um altar, com uma significativa quantidade de santos da devoção do anfitrião, enfeites simbólicos como o pombo do Divino, flores, fitas, bandeirolas nas cores vermelho e branco e completado com as duas bandeiras do Divino que são colocadas no altar em alguns momentos ritualísticos.

Na parte externa os participantes conversam no quintal, aguardando o almoço, que será servido em uma grande mesa de madeira com cerca de três metros de comprimento e aproximadamente um metro de largura na varanda da casa. Com a comida posta os foliões giram a mesa por diversas vezes - na frente as bandeiras do Divino “assumem a centralidade

do ritual” (Silva, 2001, p. 34), seguido pelos músicos e os outros foliões, juntos “entoam o bendito de mesa para a sacralização do alimento, dando ao banquete a formalidade de uma celebração da eucaristia” (Veiga, 2002, p.52).

Após a sacralização é hora da distribuição da comida, composta geralmente por: arroz, feijão tropeiro, carne bovina cozida, salada de repolho com tomate, macarrão frito e também refrigerantes. Após se deliciarem com a farta comida, as pessoas ligadas aos donos da casa, começam a distribuir os doces, geralmente de leite e algumas frutas como de mamão e goiaba.

Os foliões que “puxam a fila” portam a divisa do Divino – pingente com o pombo do Divino e um laço de cetim vermelho - fixada no peito ou no chapéu para se diferenciar das demais pessoas ali presentes. Durante as refeições são os primeiros a se servirem e comumente têm um espaço reservado.

Todos os partícipes são convidados a comer e a beber. A falta de espaço e estrutura da casa para o momento faz com que as pessoas se dispersem na busca do melhor lugar para degustação, poucos conseguem locais para sentar, muitos encostam-se às paredes, sentam no chão, nas calçadas das ruas, se acomodando em meio às conversas alegres e barulhentas. Finalizada a refeição é realizado o último ritual da comensalidade na casa, onde se agradece pela comida ofertada.

Concluído o agradecimento, o grupo de foliões leva as bandeiras de volta ao altar e mais uma vez cantam músicas em louvor ao Divino, com o espaço interno pequeno para o momento, as pessoas ficam do lado de fora e acompanham apenas as músicas entoadas. Os músicos saem para a área externa da casa, onde os presentes aguardam com expectativa a “dança do chá”, caracterizada pela descontração e pela animação dos dançadores.

Na “dança do chá” todos que quiserem podem participar, formam-se duas filas, uma frente à outra, quando se inicia a música eles giram em sentido anti-horário, batendo palmas acompanhando o som dos instrumentos, enquanto os músicos cantam fazendo referência à bebida responsável pela animação da festa na opinião dos partícipes.

Terminada a dança e os rituais, os foliões se reúnem na porta da casa para esperar os anfitriões entregarem as bandeiras aos alferes – cargo máximo da folia, aos quais tem como função carregar as bandeiras –, para que possam começar a longa viagem que se concluirá em nove dias, quando nove pousos acontecerão, número este definido por ter o sentido de uma novena em louvor ao Divino Espírito Santo.

Quando os alferes recebem as bandeiras, o barulho estrondoso dos fogos de artifícios anuncia a saída da folia, os foliões com muita expectativa montados a cavalo aguardam a grande jornada que irá se iniciar. A última música é tocada, e os foliões saem em duas filas, “na

frente percorrendo o giro da lua, a bandeira, guia estrelada, calcula o caminho dos anos. Ela é a fé que se pega com os dedos. Na estampa [...] uma pomba branca serpenteando os ares vermelhos do infinito, as fitas laminadas, e as flores de papel crepom que exalam narrativas” (Peres, 2010, p.27).

A folia sai pelo lado oeste da cidade em direção ao pouso. Postadas ao longo do caminho as pessoas aguardam a passagem das bandeiras para que possam tocá-las e/ou beijá-las, é um modo de demonstrar a devoção e pedir bênçãos ao Divino. Por onde passa a bandeira sacraliza o espaço. O trânsito de carros é controlado pela polícia, para evitar acidentes entre pessoas, cavalos e carros, pois a rua é tomada pelos foliões que seguem a bandeira estabelecendo uma fronteira entre o mundo da festa para aqueles que vão para a folia e o do cotidiano para os que ficam na cidade.

O primeiro pouso é bem próximo a cidade, a chegada da folia na fazenda acontece ao cair da tarde com um número pequeno de foliões, pois os grupos veem chegando aos poucos, alguns chegam somente à noite. A chegada é um momento solene quando se dá o encontro dos “de fora” e dos “da casa”. Quando as bandeiras chegam, guiadas pelos alferes e acompanhada pelos foliões é realizado o “esse”, momento este muito esperado pela família dos anfitriões e vizinhos. As duas filas de cavaleiros se cruzam, formando dois grandes círculos, cada um realiza o giro em uma direção, ao passarem pelas bandeiras os foliões tiram o chapéu em sinal de respeito ao Divino. Desmanchando os círculos eles seguem em duas filas, a poeira companheira dos foliões levanta com a passagem dos cavalos.

Concluído o “esse”, os foliões se aproximam da sede da fazenda e os alferes cumprindo mais um dos rituais simbólicos, entregam as bandeiras aos donos da casa. Veiga comenta a importância da bandeira afirmando que o dono da casa ao recebê-la, no plano ritual, representa a formalização da hospitalidade a todo o grupo de foliões (Veiga, 2002). E ao som da viola, violão, sanfona, pandeiro e caixas, os embaixadores com muita devoção cantam os simbólicos versos da chegada.

Terminado o canto seguem até um arco que geralmente é feito de arame e folha de coqueiro ou bananeira e ornamentado com fitas e flores de papel crepom nas cores do Divino. Uma xícara é colocada no centro do arco, ela mostra que há um “segredo” escondido, geralmente é uma garrafa de pinga, cabe aos regentes da folia encontrá-lo.

Durante a procura, os músicos cantam fazendo rimas com todos os objetos que estão no arco, enquanto o segredo não for encontrado não se pode parar de cantar, ou seja, quanto mais escondido estiver mais tempo eles cantarão. Encontrada a garrafa passa-se à próxima etapa do ritual.

Os foliões se dirigem até um cruzeiro de madeira ou bambu, que fica fixado no chão, em cima uma toalha branca que quando recebe a benção é entregue ao servente, responsável pela cozinha, o cruzeiro também é retirado para ser conduzido por um dos regentes até o altar juntamente com as bandeiras.

O arco representa o limite entre o sagrado e o profano, tudo o que está antes dele é profano e tudo que está após ele é sagrado, ou seja, a passagem pelo arco representa a passagem de um local impuro para um ambiente santo. No momento que os foliões passam dentro do arco, eles já deixaram os cavalos, ao realizar a passagem tiram o chapéu novamente.

Seguem em direção a um cômodo da casa onde há um altar, todo enfeitado com santos de devoção do anfitrião e às vezes uma bíblia sagrada. Quando chegam ao altar, os foliões em versos cantados “pedem o pouso”, esse pedido é realizado apenas por simbolismo, pois o dono da casa já tem conhecimento deste pouso e já está com toda estrutura montada para receber os foliões. A bandeira é depositada no altar junto aos outros santos, e os foliões vão para o espaço em frente à casa realizar a dança do “chá”. Nos pousos, diferentemente da dança da saída da folia, quando termina a cantoria, o regente distribui a pinga aos foliões, que ao tomarem a cachaça, concluem o ritual da chegada.

Com o tempo livre, neste momento os foliões aproveitam para cuidar dos cavalos e montar seus acampamentos. Esses muitas vezes são realizados em grupos, conhecidos por turmas. Os componentes das turmas reúnem-se antes do início da folia e realizam uma compra conjunta para adquirir todos os produtos necessários para os nove pousos. Cada turma ainda dispõe de um veículo para transportar toda *tralha* que será utilizada.

Em conversas realizadas com componentes de diversos grupos, foi possível constatar que o gasto para o giro é bem elevado, em algumas turmas somente o que foi comprado em conjunto, ficou em cerca de R\$ 2.000,00, sem contar os gastos individuais.

Para melhor identificação dessas turmas, cada uma delas tem um nome, o qual é escolhido pelo próprio grupo. Em 2014 especificamente, foi possível observar várias turmas e entender melhor o porquê desses nomes, como a “*turma do birinighl*” em referência à uma bebida alcoólica; “*nóis trupica mais não cai*” e “*turma só papaí*”, trechos de músicas interpretadas por cantores sertanejos; “*turma dos cumpadres*”, grupo composto só por compadres; “*turma deixa que eu conto*”, em alusão às traições e estripulias que ocorrem no período da folia; “*netos lanches*” e “*tangará lanches*”, fazendo referência à empreendimentos alimentícios da cidade que patrocinaram as turmas; “*turma só Cardoso*”, onde todos são da família de sobrenome Cardoso; “*se grilá nóis larga*”, grupo de rapazes onde todos são compromissados e “*se largá nóis pega*”,

grupo surgido depois do grupo anterior, sugerindo que caso aconteça algum término de namoro eles namoram com as recém-solteiras, dentre outras diversas turmas.

No intervalo depois dos ritos de chegada até o ritual do jantar eles cozinham algo para comer, pois alegam que depois da longa caminhada precisam comer algo até a hora do jantar, esse cardápio geralmente é composto por arroz com carne, feijão, batata frita e a maioria dos acampamentos também assam carnes como “tira gosto”.

Há aqueles que preferem se alimentar no comércio ambulante, instalado nos locais de pousos, onde várias barraquinhas vendem produtos como “espetinho”- churrasco de carne bovina, suína e de frango -, cachorro quente e bebidas. Essas barraquinhas são muito comuns nas festas populares e assim como assinala Pessoa “como imaginar nossas festas populares sem o colorido das barraquinhas?” (2005, p. 37). De acordo com os vendedores os principais clientes deles são os cata-pouso, participantes que frequentam os pousos somente à noite na hora do bailão.

A infraestrutura dos acampamentos é bem precária, os locais para a montagem das barracas são os pastos da fazenda, na maioria não possuem sanitários, os córregos que cortam a propriedade se tornam locais para banho e para lavar as roupas e os *matinhos* são utilizados como banheiros.

Com o cair da noite o jantar é colocado à mesa. O ritual para a sacralização é o mesmo que ocorre no “junta”. Após a sacralização é hora de se deliciar com a farta comida, os foliões são os primeiros a se servirem e posteriormente os outros ali presentes. Depois que todos terminam a refeição é hora do ritual de agradecimento, com as sobras ainda expostas, agradecendo a farta comida cantam.

Concluído este ritual, seguem com a bandeira para o espaço em frente a casa e fazem a *retirada de esmola*, cada pessoa que empunha a bandeira ganha um verso improvisado, e quanto mais pessoas participarem mais longo será o ritual, findado o verso deve-se contribuir com qualquer valor em dinheiro. Esse ritual tem como função agradecer ou pedir uma benção ao Divino. Concluído mais esse rito, a bandeira é levada novamente ao altar, para que se possa dançar o “catira”.

Dançado em dupla, são formadas duas filas uma frente à outra, com os pares previamente estabelecidos, iniciam a dança, que em meio ao som da viola e rimas, os dançarinos batem os pés e as mãos acompanhando o ritmo da música, geralmente é dançado em cima de um tablado de madeira para que o som do sapateado seja mais alto.

Terminado o catira o som da viola dá espaço ao potente som mecânico montado para animar o bailão, neste momento o público já se encontra em grande quantidade, com milhares

de pessoas, sendo de Pirenópolis, e cidades circunvizinhas, como: Corumbá de Goiás, Cocalzinho, Jaraguá, Anápolis, Goianésia, Brasília e Goiânia, os chamados “cata-pousos”.

O ritmo musical tocado na folia é estilo sertanejo dançante, todo ano uma música é escolhida para ser o “tema da folia”, no ano de 2014, foi “Olha o tirim”, de Clésio dos teclados (youtube.com), acompanhada de outras músicas escolhidas por cada responsável do som, animam o público até a madrugada. Este é o momento mais aguardado pelos cata-pousos e pelos foliões de atalho, que justificam esta denominação por frequentarem o giro somente neste momento.

Às cinco horas da manhã o estrondoso tiro de teco - também conhecido como Roqueira, lembrando a salva de canhões de roca - faz tremer o chão despertando os foliões para a alvorada, os músicos levantam e vão percorrendo as barracas convidando todos para acompanhá-los até o altar, para que seja rezado o terço. Em seguida o café da manhã é servido, este geralmente composto por pão francês com carne moída ou manteiga e para beber, café e chá.

Junto ao nascer do sol, os foliões já começam a se organizar, buscam os cavalos nos pastos, desmontam os acampamentos e colocam os uniformes de folião: camisa xadrez, calça jeans, bota, chapéu e lenço, para o longo caminho que terão de seguir até chegar ao próximo pouso.

Enquanto isso a fumaça do fogão de lenha e o cheiro dos temperos anunciam que o almoço já está sendo preparado pelas cozinheiras. A grande quantidade de comida necessária para alimentar todos ali presentes é muito grande, o que leva as pessoas a dizerem “não existe panela para pouso”. Para a produção desses alimentos são utilizadas tachos de cobre, destinados para a fabricação de rapadura, pois são recipientes bem grandes, alguns comportam cerca de 200 litros.

Os rituais seguem a mesma sequência do jantar, a bênção da comida, a refeição em si e o agradecimento. Este último marcado por visível emoção, os foliões demonstram sua gratidão pelo que foi oferecido pelos anfitriões. Os donos da casa agradecem a todos pela participação e ao Divino Espírito Santo, por todas as bênçãos recebidas.

No altar cantam pedindo ao Divino que abençoe e proteja o anfitrião e os foliões que seguirão até o próximo pouso. Realizam mais uma vez a dança do chá e se despedem. Muitas vezes os donos da casa não contem às lágrimas que descem pelo rosto, mas com a promessa de no próximo ano novamente dar outro pouso.

No caminho de um pouso até o outro as bandeiras vão passando nas casas para trazer bênçãos do Divino e recolher donativos para a festa na cidade. Estas doações geralmente são:

dinheiro, animais e mantimentos. De acordo com a tradição uma bandeira nunca pode cruzar com a outra, assim, a bandeira que segue do lado direito visita as propriedades desse lado, e a do lado esquerdo da mesma forma.

A chegada é realizada da mesma forma, cada pouso tem suas peculiaridades, mas os rituais são realizados da mesma forma: a chegada, as danças, o bendito à mesa, o jantar, o agradecimento, o peditório de esmolas, a alvorada, o café, o almoço e a despedida.

No domingo, uma semana antes de Pentecostes, no período da manhã os foliões já cansados da longa jornada que percorreram e com as noites mal dormidas, aguardam ansiosos o almoço e a despedida, para que assim possam seguir caminho até a cidade, onde uma multidão aguarda para ver a “chegada da folia”, que ocorre ao final da tarde.

A folia da cidade também termina no mesmo dia, sua entrega acontece no meio da tarde. Neste momento a cidade já está sendo tomada por cavaleiros desfilando em meio aos carros pela rua principal da cidade, enquanto as calçadas são ocupadas por pessoas que esperam a bandeira do Divino. Os bares localizados no percurso em que a folia passa se encontram com uma grande quantidade de pessoas e tocam as músicas mais pedidas nos pousos.

A folia chega pela entrada sul da cidade, conforme mapa traçado antes do início do giro. À frente, as bandeiras empunhadas pelos alferes, seguidos pelos foliões. Ao entrarem na cidade, um folião vai à frente anunciando que a folia está chegando, a polícia militar para o trânsito de carros e os cavaleiros que desfilam na rua abrem espaço para que a folia possa passar, todos os olhares são voltados para os foliões que descem pela rua principal em direção à casa do Imperador – figura central dos festejos do Divino, em sua casa fica entronizada a Coroa do Divino em torno da qual acontecem os principais rituais da Festa do Divino de Pirenópolis -, onde são entregues as esmolas e os donativos arrecadados durante toda folia, músicas são cantadas para o Imperador e em versos agradecem a participação dos foliões.

A bandeira é depositada no altar enfeitado com forros vermelhos e bordas de renda dourada, com o simbólico pombo do Divino, e completado com a coroa do Divino e as duas bandeiras do Divino.

Um jantar é servido para todos ali presentes, eles são convidados a se deliciarem com a farta comida oferecida pelo Imperador, a família distribui os refrigerantes enquanto a comida fica disposta em uma mesa.

Enquanto os rituais são finalizados na casa do Imperador, os cavaleiros ainda permanecem desfilando pelas ruas. Na Praça Central, local em que se concentra o maior

número de pessoas para a chegada da folia, ainda permanece com um número representativo de pessoas, parte dos foliões também ficam concentrados neste ambiente.

Em meio à família e amigos, os foliões contam fatos ocorridos durante o giro, e bebem cerveja, muitos risos, palhaçadas e brincadeiras marcam a despedida daquela vida paralela vivenciada durante os nove dias de folia. Enfim, quando os bares fecham os grupos se dispersam e vão para casa.

Os ranchões – casas noturnas improvisadas - realizam uma “despedida” da folia juntamente com um “esquentar” para as Cavalhadas, que ocorre no final de semana seguinte, neste momento várias outras festividades que compõem a Festa do Divino também estão acontecendo, como as novenas, a alvorada e as farofadas.

Ao longo destes nove dias de folias – tanto a Folia Tradicional quanto a Folia da Rua – há uma efervescência coletiva que toma conta da cidade. Os bares ficam cheios, os movimentos de carros e pessoas são ampliados, fogos estouram desde a madrugada e Pirenópolis vive seu período anual de festas.

A Folia e o Turismo

Toda movimentação gerada pelos rituais que compõem os giros das folias não é considerada um atrativo turístico, nem pelos órgãos públicos responsáveis pelo planejamento turístico e nem pelos empreendimentos ligados ao setor, pois foi realizada em diversas pousadas uma pesquisa à qual buscava identificar se algum empreendimento de hospedagem elaborou algum pacote para o período da folia e se eles divulgavam para os hóspedes que estava acontecendo a folia, todos foram unânimes em dizer que não elaboraram nenhum pacote, pois não há procura e disseram não divulgar, somente quando os hóspedes perguntam a respeito é que se explica o que é a folia.

Embora não seja considerada um atrativo turístico, e não foi detectada a presença de turistas na folia durante a realização da pesquisa é notável que a folia e turismo possuem uma relação, já que é notável a interferência de uma atividade na outra. Pois o turismo intervém nas folias, não permitindo que aquele folião que percorria o giro participe da folia, tendo que deixar sua devoção para trabalhar em algum empreendimento turístico, assim como aquele trabalhador do ramo que deixa de executar sua atividade para cumprir sua devoção para com o Divino.

A partir das observações realizadas é possível perceber o aumento de pedidos de férias para participar da folia, seja como folião ou não e também é comum o atraso e ausência dos funcionários nesse período.

Ainda que o foco da pesquisa seja o turismo, cabe citar que não somente o setor turístico é desarticulado no período da folia, mas também como os diversos outros setores, principalmente os trabalhadores autônomos, como na construção civil, e na exploração de quartzito, pois a maioria não tem salário fixo, sendo pagos por diária ou o ganho mensal é a partir do que é produzido.

A relação entre folia e turismo, não é identificada somente na questão trabalhista, mais também no espaço, pois a Rua do Rosário, que há menos de uma década era ponto de reuniões e local de saída da Folia Tradicional deixou de realizar este ritual no local, pois a rua passou de residencial para rua comercial, se transformando na Rua do Lazer da cidade, local muito frequentado por turistas. As casas de moradia, situadas nesta rua, foram transformadas em pousadas, lojas e principalmente restaurantes e bares, que extrapolam a área interna do empreendimento ocupando com mesas e cadeiras a rua e as calçadas.

Cabe citar que o turismo não é o único vetor transformador da folia, o avanço das tecnologias e a própria evolução natural humana, faz com que alterações ocorram no percurso do tempo, embora de acordo com os foliões essas mudanças são bem aceitas e não interferem no plano ritual das folias.

As folias em sua amplitude de expressões instiga a pesquisa e proporciona seguir vários caminhos para a descrição de seus símbolos, seus rituais, suas paisagens e as estruturas montadas. Observando os novos meios de ver o mundo, com todos esses sentidos que este festejo propicia. Encontra-se a dificuldade de entender em sua totalidade um patrimônio pertencente a população pirenopolina. Para tanto, para compreendê-la é necessário observá-la como um produto da sociedade que a realiza, identificando as relações existentes dentre os elementos que a compõe, juntamente com as relações dos diversos setores, dentre eles o turismo.

Considerações Finais

O objetivo destas aferições sobre o patrimônio e o turismo não é fornecer expostas prontas e acabadas, mas abrir o leque de discussões em torno destes dois fenômenos: as folias e o turismo.

Trata-se, portanto, de assumir teoricamente as folias como “fatos sociais totais” (Mauss, 2003) na medida em que envolvem aspectos da culinária, da música, da religiosidade, da espacialidade, da política, do turismo etc., e este último também como assinala Barretto, Burgos e Frenkel (2003) o turismo como fenômeno social interligado a outras dimensões da vida humana, como o modo de ser no mundo das populações que coabitam uma localidade.

Ao registrar as manifestações das Folias do Divino focando suas práticas e representações, fazendo um acompanhamento para verificar suas permanências e suas transformações resultantes da convivência com o turismo entende-se a importância do uso da categoria patrimônio ou ainda, “patrimônio intangível” como assevera Gonçalves que afirma ser

possível preservar uma “graça” recebida? É possível tombar os “sete dons do Espírito Santo”? Certamente não. Mas é possível sim, preservar, por meio de registros e acompanhamentos, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários etc. É nessa direção que caminha a noção recente de “patrimônio intangível”, nos recentes discursos brasileiros acerca do patrimônio (2003 p. 27).

A folia na sua dinâmica é um patrimônio cultural pertencente a sociedade pirenopolina que também está em constante transformação, daí para compreender sua realidade é necessário observá-la como produto da sociedade que a gestou ao mesmo tempo que tem que decifrar as interrelações dos elementos que a compõe.

Espera-se que as conclusões geradas no processo contribuam para ampliar o debate em torno do uso social do turismo e do patrimônio ao mesmo tempo em que forneçam subsídios para um aprofundamento epistemológico do turismo por meio da valorização e caracterização dos diversos elementos que conferem identidade à oferta turística do município com o menor impacto possível para população receptora e propiciem o desenvolvimento sustentável do turismo.

Além disso, trazer as festas populares para o centro das discussões sobre turismo permite conhecer o turismo um pouco mais a fundo, avaliando seus reflexos na comunidade receptora, o que fornece subsídios para uma compreensão dos custos sociais e culturais da atividade turística.

Referências Bibliográficas

BARRETTO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. Turismo, políticas públicas e relações internacionais. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia, UFG, 2004.

_____. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. Divino Espírito (re) ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular. In: Anais: VI Congresso Português de Sociologia: Mundos sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humana. 25 a 28 de junho. Série 188. 14p (artigo) 2008.

DEUS, Maria Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. História das festas e religiosidade em Goiás. Goiânia: Alternativa, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (Orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JAYME, Jarbas. Esboço Histórico de Pirenópolis. Goiânia, UFG, 1971, vol. I e II.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: A Materialidade da Fé. In: História: questões & debates. Curitiba:Ed:UFPR, n. 43, p 73-86, 2005.

LÔBO, Tereza Caroline. A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis. Goiânia, IESA/UFG. 2006. (Dissertação de Mestrado).

MARIANO, Neusa de Fátima. A divina festa do Espírito Santo: uma manifestação da religiosidade popular em Mogi das Cruzes. In: Espaço e Tempo, São Paulo:GEOUSP, nº 25, pp. 89 -108, 2009.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/>- acesso em 14 de maio de 2015.

PELEGRINI, Sandra C. A. Tradições e histórias locais: as esperanças nas bandeiras do Divino em São Luiz do Paraitinga (São Paulo/Brasil). In: Patrimônio e Memória. UNESP: – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 231-256. Jun. 2011.

PERES, Eraldo. Fésta brasileira: folias, romarias e congadas. São Paulo: Senac editora. 2010.

PESSOA, Jadir de Moraes. Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG; Kelps, 2005.

SILVA, Mônica Martins da. A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia, AGEPEL, 2001.

VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis: Polaridades simbólicas em torno de um rito. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

_____. A folia continua: vida, morte e revelação na Festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO, Luciana (org.). Divino toque do Maranhão. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, p. 83-94, 2005. (Série Encontros e Estudos, 9).

www.youtube.com/watch?v=O1IPhhVCwIM. Acesso em: 9/12/2014.

ⁱ O presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em novembro de 2014, está vinculado ao Grupo de Pesquisa em Turismo e Gastronomia Canela d’Ema - Câmpus Pirenópolis/UEG e à pesquisa “Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares” UEG, que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012.